

O PROJETO SÓCIO AMBIENTAL DA CARTEIRA DE CRÉDITO ESTRATÉGICA

Ari de David– Colaborador e prestador de serviços ao Sistema Cresol.

Introdução

A demanda crescente por crédito rural pelos agricultores familiares para financiamentos de custeio e investimentos nos últimos anos, na Cresol, permite identificar a retomada da produção primária e mostrar as conquistas de espaços alcançados no fortalecimento econômico, político e organizativo, com resultados positivos na renda e nas condições de vida das famílias.

A grande oferta de crédito rural e em condições favoráveis, associado ao bom momento nos preços recebidos dos produtos, tanto no mercado nacional quanto internacional, tem estimulado todos os setores produtivos do meio rural brasileiro, inclusive o familiar, a investir mais em tecnologia e na estruturação das unidades de produção.

Sendo um dos principais instrumentos de política agrícola, o crédito pode acelerar mais ou menos esses processos de organização da produção e as cooperativas de crédito, espalhadas pelas diversas regiões do estado do PR e SC, contribuem significativamente na popularização do crédito, tornando mais fácil o seu acesso, principalmente, para aqueles agricultores que tem dificuldades de acessar recursos no sistema financeiro convencional, por motivos diversos, como, falta de cadastro, garantias reais ou mesmo a inexistência de linhas especiais para financiar atividades alternativas, como microcrédito, bem-estar familiar, entre outros.

Neste sentido, a contribuição do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar – PRONAF - é de fundamental importância, principalmente, por ser uma política pública para atender demandas específicas e direcionadas para este público específico. Salienta-se a importância que as políticas públicas, de maneira geral, têm quando se pretendem desenvolver uma determinada região ou mesmo um segmento social como os agricultores familiares.

Embora a agricultura familiar esteja vivendo um bom momento, no que se refere aos preços recebidos pelos produtos: fácil acesso ao crédito, juros favoráveis, avanços no processo organizativo com a criação de cooperativas em vários ramos, nem tudo é festa.

Analisando os dados de liberação de recursos, por parte da Cresol, nas últimas três safras, constata-se que o número de contratos e os valores liberados permanecem concentrados basicamente em duas grandes culturas de grãos, sobretudo, milho e soja. Também se percebe que em regiões aonde os grãos não são tradicionais, existe concentração de recursos em poucas atividades produtivas como o leite e a banana, caracterizando também um processo de monocultura e, portanto, de risco para a cooperativa e, principalmente, para as famílias associadas.

Em última análise os recursos do crédito rural da Cresol, estão, em grande medida, financiando as chamadas culturas brancas, que tanto criticamos e que cada vez mais induzem à dependência dos agricultores, ao empobrecimento do campo e à degradação ambiental.

Devemos compreender que a agricultura brasileira está inserida num contexto mundial e os produtos chamados de *commoditys*, que estão com bom preço agora, poderão não estar amanhã, principalmente, os que foram acima citados. Quem não lembra da soja da China, da febre aftosa, da gripe aviária, das secas? Esses produtos dependem de grandes acordos internacionais e estão relacionados a aspectos conjunturais e políticos, além da vulnerabilidade dos fatores climáticas, ambientais e enfermidades.

Esse bom momento da agricultura brasileira (preços) não pode desvirtuar a estratégia de produção que é inerente à agricultura familiar. Diversificar a Unidade de Produção e Vida Familiar – UPVF - continua sendo a opção mais viável e com maior sustentabilidade para nossas cooperativas e para os agricultores.

A criação da Carteira de Crédito Estratégica da Cresol vem há dois anos estimulando a produção diversificada nas Cooperativas Singulares, Bases Regionais e Central, técnicos, diretores, colaboradores, com enfoque principal na formação de pessoas capazes de reorientar os projetos de financiamento, através de planejamento amplo da unidade de produção, tendo em vista a mudança na matriz produtiva, mesmo sabendo das dificuldades e da forte

tradição que os agricultores familiares têm com a produção das chamadas *commodities*.

As oito Bases Regionais que compõem o Sistema Cresol formam um mosaico de realidades econômicas, organizativas, culturais, políticas e sociais, que necessitam ser estudadas e entendidas para poderem construir programas e projetos articulados, sustentáveis e com responsabilidades dos atores locais e regionais.

Os resultados dessa caminhada já podem ser notados quando se analisa as planilhas de produtos que estão demandando recursos para o Plano Safra 2008/2009, saltando de 15 culturas em 2002 para mais de 45 culturas financiadas atualmente. Uma demonstração clara do crescimento da diversificação que vem ocorrendo nas unidades de produção, embora a maioria dos recursos ainda esteja concentrada em poucas culturas.

A Carteira de Crédito Estratégica busca articular, além da dimensão econômica/produziva dos agricultores e das cooperativas, um conjunto de ações que procuram dar conta das outras dimensões do desenvolvimento, como o diálogo com os diversos atores locais para discutir o Plano Safra e identificar as novas necessidades de crédito, articular as ações de Formação de Agentes de Desenvolvimento com o trabalho de Assistência Técnica e Extensão Rural, identificar demandas de habitação, além de auxiliar as lideranças e diretores na construção dos projetos de desenvolvimento microrregionais.

Objetivos da Carteira de Crédito Estratégica

- Auxiliar o Sistema Cresol nos debates e na orientação do crédito rural (custeio e investimento e recursos próprios) contribuindo para a construção de uma nova matriz produtiva;
- Motivar iniciativas de aprofundamento do Plano Safra nos municípios e nas Bases regionais, identificando novas possibilidades de financiamentos e ajustando-as para as condições e realidade regional;
- Assessorar programas de formação de agricultores com enfoque voltado a ações de planejamento, produção, organização das

unidades de produção e vida familiar, tendo em vista o incentivo a produção agroecológica;

- Apoiar a organização cooperativista na agricultura familiar em outras cadeias produtivas, ampliando a relação com os diversos atores do desenvolvimento rural e do Sistema Cresol;
- Auxiliar nos debates e na construção dos projetos regionais de desenvolvimento rural sustentável, como aglutinadora das diversas entidades e iniciativas que atuam no meio rural regional;
- Incentivar iniciativas inovadoras de investimentos que aumente a agregação de valor ao produto e fortalece a autonomia dos agricultores.
- Estimular o intercâmbio de conhecimentos através da troca de experiências, debates, visitas técnicas, encontros de formação, entre outros.

Para alcançar os objetivos propostos a Carteira de Crédito Estratégica desenvolve atividades subdivididas em quatro programas.

1 – Programa de Formação de Agentes Comunitários

1.1 – Caracterização

O Programa dos Agentes Comunitários de Desenvolvimento e Crédito é uma ação do Sistema Cresol, que visa o fortalecimento dos agricultores familiares junto às suas organizações cooperativas e suas unidades de produção e vida familiar - UPVF. Ele parte da premissa de que os agricultores podem ser sujeitos ativos na construção de seus projetos de vida e, conseqüentemente, dos projetos das cooperativas e demais entidades da agricultura familiar, visando um outro desenvolvimento, a partir de suas necessidades e expectativas.

O Agente Comunitário de Desenvolvimento e Crédito é o agricultor familiar da comunidade que assume o compromisso de aproximar comunidade e cooperativa como um elo, potencializando as demandas e debates nestes espaços. Exerce, ainda, a função de gerar desenvolvimento e ser referência

em nível local de sua unidade de produção e vida familiar, na área do uso do crédito, da produção, da transformação, da comercialização, da gestão e da organização social.

Para isso, por meio de processos de formação e de outras práticas de reflexão e vivências, o programa tem a missão de construir e consolidar ações relacionadas aos principais espaços sociais da vida dos agricultores e das agricultoras familiares, que são: a unidade de produção e vida familiar, a comunidade, a cooperativa e entidades. Assim, o programa dos agentes surge dentro da Central Cresol Baser para fortalecer processos formativos e organizativos junto aos agentes, as comunidades e as cooperativas ou outras entidades, como forma de potencializá-los, enquanto atores da agricultura familiar, partindo da sua realidade, das suas considerações, das suas necessidades e das suas expectativas de vida e de produção.

Desta forma, o Programa dos Agentes parte do anseio pela qualificação do uso do crédito rural em propostas produtivas sustentáveis, como consequência do processo de reflexão e construção dos projetos de vida dos agricultores. Da mesma forma, os projetos das comunidades e das entidades, bem como, as formas de gestão dessas, uma outra matriz produtiva da agricultura familiar e um outro jeito de usar o crédito, são resultados de um processo de formação e articulação.

A participação dos associados nas cooperativas e nas demais entidades é uma forma de promover o controle social e a autogestão dos processos. Essa dinâmica valoriza as relações de parcerias, fortalecendo a cooperação, a democracia e a participação dos atores, enquanto construção de redes sociais solidárias.

1.2 - Metodologia

A metodologia de trabalho do programa prima pela construção do projeto de vida e a medida que vai avançando vão sendo incorporados novos elementos, inclusive de outros espaços, como das cooperativas, outras entidades da agricultura familiar das comunidades, dos municípios e das regiões.

A construção do projeto de vida permite as pessoas “pegarem na mão” a lógica do trabalho da família, da cooperativa e das comunidades. O projeto de

vida constitui-se, portanto, a partir do estudo da realidade que implica diretamente o trabalho e permite relacioná-lo com o contexto mais amplo. Do ponto de vista educativo, ser capaz de construir um projeto de vida constitui-se numa forma de pensar sobre a realidade, que articula o fazer e o pensar, identificando limites e potencialidades no processo de trabalho e suas implicações sobre a vida das pessoas da família e da comunidade.

Faz-se necessário que o agente, durante os processos de formação, se constitua como sujeito reflexivo sob seu projeto de vida e consiga (re)planejar sua unidade de produção, para torná-la referência na perspectiva do alternativo, da organização e da produção sustentável (primando pela produção orgânica ou agroecológica). Ao mesmo tempo vai se tornando também ele uma referência na comunidade e nos processos de desenvolvimento na cooperativa ou entidades, e desta forma vai ampliando e articulando, junto a outros atores da agricultura familiar, novos projetos de crédito, estratégias de ATER e de comercialização, políticas públicas, educação, saúde, lazer e moradia, entre outros.

Na busca de concretizar um percurso de estudo organizou-se um processo pedagógico em quatro momentos distintos articulados pelos eixos em estudo para a formação dos agentes:

Momento I: Diagnóstico

Neste momento, além de debater e refletir sobre o contexto, o significado da Agricultura Familiar e o seu papel sócio-econômico, busca-se compreender o desenvolvimento nas suas múltiplas dimensões. Cada participante realizará um esforço de olhar, descrever e desenhar a sua unidade de produção, nas relações com a cooperativa, entidades e sua comunidade. Esse momento passa a ser o período de diagnosticar a realidade e, por isso, serão realizados, pelos próprios atores, registros de como se vêem e que significados compreendem nos seus processos familiares, culturais e sociais. Nos encontros de formação dos coordenadores a dinâmica será a mesma, incluindo o tempo de planejamento das ações de formação do trabalho com os agentes.

Momento II: Problematização

Com base no diagnóstico realizado no primeiro momento, os atores apresentam as sínteses construídas, recuperam a história e passam a dialogar sobre o “problema” em suas diversas dimensões. Para olhar a realidade apresentada nos projetos faz-se necessário a elaboração de questões problematizadoras e provocadoras de análise e de reflexão sobre o contexto da Agricultura Familiar. Esse movimento acontece baseado no estudo e aprofundamento dos eixos, com o apoio das chaves de leitura, e da dinâmica dos espaços e atores da unidade de produção, da cooperativa e demais entidades. Busca-se focalizar o problema que motivará uma nova reflexão e a reescrita do projeto, reestruturando-o a cada momento nos seus objetivos, passos e planejamento do tempo necessário para realizá-lo. Este momento é fortemente marcado por um processo de reflexão e estudo e que cada vez resurge com outros elementos, sendo assim, projeto como síntese das análises (conhecimentos) construídas por cada um ou uma.

Momento III: Organização

Considerando o processo dos dois momentos anteriores, neste, os agentes serão estimulados a tomarem um conjunto de decisões a respeito de seus projetos de vida.

A partir deste estudo retomam as sínteses extraídas do primeiro momento e a partir destas refazem o seu projeto, no sentido de materializar as propostas levantadas quanto à unidade de produção, à comunidade e à cooperativa. Este será um momento de ampliação da discussão sobre as relações, as articulações e as entidades da Agricultura Familiar cooperativa, entidades, comunidade e município, situando os projetos de vida num contexto maior.

Momento IV: Consolidação

Ou seja, este quarto momento tem a perspectiva de visualizar seu projeto numa articulação maior, inserido num contexto do desenvolvimento da Agricultura Familiar, com ações de organização concretas para seus municípios e região.

Junto à construção dos projetos de vida, as ações de formação poderão trazer elementos do cotidiano da cooperativa singular, como linhas de crédito,

produtos e serviços, levantamento de demandas de crédito, comitê de crédito, conselho de administração, conselho fiscal, gestão financeira, gestão política e afins, como forma de aproximação dos agentes aos trabalhos da cooperativa, pois permite eles sentirem-se parte dos processos e entender melhor a dinâmica de uma cooperativa. Neste sentido, aparece a necessidade do envolvimento das demais áreas da Cre\$ol.

Os encontros de formação, com os coordenadores e com as coordenadoras têm como princípio metodológico a sistematização dos trabalhos realizados no tempo presencial e no tempo comunidade. Por isso, a dinâmica é composta por seminários de socialização, estudos, leituras, debates, planejamentos (organização do trabalho que se desenvolve com os agentes na cooperativa) e momentos culturais. Com os agentes nas cooperativas, a dinâmica é organizada por seminários de socialização (momento este, em que as pessoas expõem o que fizeram nos trabalhos no tempo comunidade, sejam eles de cunho teórico ou prático), estudos, leituras, debates e planejamentos do trabalho do projeto de vida na unidade de produção, na comunidade e na cooperativa. Além dos espaços de formação organizados por Base Regional de Serviço e Cooperativas, há também momentos com dinâmicas de seminários, intercâmbios e oficinas na Central Cresol Baser.

1.3 – Resultados

1.3.1 - No melhoramento dos Sistemas de Produção dos agricultores:

- O trabalho de formação dos agentes auxiliou na identificação dos estrangulamentos e das potencialidades das unidades de produção e vida familiar; com isso, os projetos de financiamento para custeio e investimentos começaram ter melhor definição de “o que” e “como” financiar;
- O programa de formação deu ênfase à diversificação produtiva das unidades de produção e vida familiar como elemento de sustentabilidade. O resultado desse processo foi um aumento expressivo de mais de 40 atividades econômicas financiadas na carteira de crédito da Cresol;

- O programa incentivou atividades econômicas pouco difundidas, paralisadas devido a falta de organização nas outras etapas da cadeia produtiva como: horticultura, produção em estufas, pequenas agroindústrias, entre outras; com isso, os agricultores sentiram a necessidade de constituir novas cooperativas de comercialização;
- A cadeia produtiva do leite foi beneficiada com os recursos do microcrédito, além de ganhos na qualidade do produto através da compra de resfriadores e ordenhadeiras; houve significativo aumento na produção e na geração de renda dos agricultores.

1.3.2 - Resultados alcançados a partir do trabalho de base:

- Com o trabalho de formação dos agentes surgiram novas cooperativas de produção, incentivadas a partir de necessidades identificadas em seu município (leite, comercialização, agroindústria) em todas as Bases do Sistema;
- Ampliação do número de associados nas cooperativas singulares;
- Maior debate sobre o projeto do cooperativismo de economia solidária no âmbito das comunidades rurais e nos municípios de abrangência da Cresol.

1.3.3 - Resultados na aplicação do microcrédito produtivo:

- O trabalho de formação dos agentes auxiliou o Sistema Cresol na aplicação de R\$ 10.775.899,00 reais em microcrédito produtivo, para 4.386 operações, sendo 66% dos contratos até R\$ 5.000,00 reais.

1.3.4 - Participação na Direção das singulares:

- A formação de agentes qualificou expressivo número de agricultores para assumir cargos diretivos nas singulares;
- O programa também colaborou na qualificação de pessoas para dirigir outras cooperativas da agricultura familiar. Como exemplo, na Base Oeste (Cascavel) os agentes de desenvolvimento e crédito assumiram a direção de pelo menos cinco (05) cooperativas de leite constituídas nesse período.

2 – Plano Safra

2.1 - Caracterização

Ao completar doze anos e olhando para o futuro, a Cresol tem-se colocado como um dos principais desafios a questão de que a partir do crédito sejam desencadeados vários processos de desenvolvimento da agricultura familiar em propostas sustentáveis.

O crescimento e fortalecimento do cooperativismo da agricultura familiar e economia solidária apresentou uma série de avanços. A principal delas é o fato de que, hoje, a falta de crédito rural não é mais o maior problema enfrentado pela agricultura familiar. As conquistas das cooperativas de crédito, e mesmo a democratização e universalização do Pronaf, fizeram com que a agricultura familiar superasse a fase da ausência e inadequação do crédito. Agora, a preocupação colocada é a de como poderemos qualificar o crédito frente à agricultura familiar, e não olhar ele somente pelo viés da sustentabilidade das cooperativas de crédito.

Neste contexto, a construção de um Plano Safra da Agricultura Familiar passa a ser uma necessidade para as cooperativas de crédito, pois possibilitamos construir a lógica de que o crédito é um dos elementos que compõem o universo de necessidades da agricultura familiar. Da mesma forma são indispensáveis e necessários, como é o caso do Assistência Técnica e Extensão Rural - ATER, da cooperativa de produção, da cooperativa de transformação, da cooperativa de comercialização, da organização social, da formação, do Sindicato e os demais entidades locais ligadas à Agricultura Familiar.

Várias experiências já foram realizadas pelas cooperativas de crédito dentro desta visão e estas, mais do que nunca, demonstram serem capazes de realizar grandes transformações sociais nunca antes visto nos municípios e nas regiões. Ao mesmo tempo, onde estas ações já acontecem precisamos reforçá-las e dar os próximos passos. Já nos demais locais é necessário iniciar

algumas ações tendo em vista o risco de não superarmos a visão fragmentada e simplista do crédito.

2.2 - Objetivos

1. Avaliar o que aconteceu do planejado nos municípios onde foi feito o Plano Safra 2007/2008 com as demais entidades, quanto ao número de operações, novas culturas e atividades, ações articuladas, projetos pilotos, etc.;
2. Avaliar a contratação da safra 2007/2008 (atual safra);
Problemas operacionais com as contratações (prazo de liberação, valores liberados, itens financiados);
Participação das entidades do município na execução e avaliação dos créditos (houve alguma articulação);
O que aconteceu de boas ações com as parcerias na safra.
3. Levantar e apresentar possíveis demandas por crédito de Custeio e Investimento que as cooperativas pretendem financiar na safra 2008/2009 (linhas de crédito – Pronaf B, C, D, E, Agroindústria, Mulher, Agroecologia, Floresta, Jovem e afins – numero de beneficiários e valores totais);
4. Fortalecer novos atores sociais de trabalho com a Agricultura Familiar, como o caso das cooperativas de leite, de transformação e comercialização;
5. Identificar as produções vegetais e animais potenciais a serem financiadas na região, bem como demais projetos estratégicos voltados para a agregação de renda no meio rural (exemplo: fruticultura, olericultura, agroindústria, orgânicos, feiras etc.);
6. Fortalecer estratégias de crédito em áreas mais sustentáveis, como na Agroecologia, Agroindustrialização, Agro floresta e Pecuária;
7. Promover uma maior articulação entre as diversas entidades ligadas a Agricultura Familiar (sindicatos, associações, cooperativas, prefeituras, ONGs, Emater/Epagri, entre outras), pensando algumas iniciativas referenciais (projetos pilotos) a serem fomentadas na próxima safra.

2.3 - Metodologia

A construção do Plano Safra 2008/2009 prevê três momentos distintos:

1 - Cooperativas Singulares: a Cooperativa Singular deverá promover encontros municipais com as várias entidades que atuam no campo da Agricultura Familiar (sindicatos, associações, cooperativas, prefeituras, Emater/Epagri, Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural, ONGs, BB e afins), no intuito de discutir o Plano Safra 2008/2009. A participação dos Agentes de Crédito e Desenvolvimento neste momento também é importante. Nos encontros municipais é de grande importância a participação das bases regionais, no sentido de ajudar na condução dos trabalhos, auxiliar na construção de propostas e na sistematização das discussões. Pretende-se, ao final do seminário local, que as cooperativas e as entidades apresentem o seu plano de ação frente a questões corriqueiras e mesmo sobre projetos pilotos a serem construídos. Lembremos as cooperativas que, a partir deste plano safra e de suas demandas específicas, ela deverá apresentar a demanda de crédito junto as Bases Regionais e cadastrar no Sistema de Informática da Cresol Baser, as linhas, valores e itens financiáveis, conforme metodologia definida posteriormente. Após o fechamento da proposta de ação do Plano Safra, com demais entidades, seria de grande importância que a cooperativa e as demais entidades realizassem encontros nas comunidades para levantamento de demandas por produtos e mesmo por novas linhas de crédito, para divulgação das linhas de crédito e demais produtos do Cresol, e as ações conjuntas pensadas com as demais entidades. Isto para que o Plano Safra seja repassado ao quadro social de forma mais ampla e não fique restrito apenas a uma discussão entre diretores e técnicos;

2 - Bases Regionais: partindo dos Seminários Locais, as Bases Regionais de Serviço deverão realizar um seminário com as Cooperativas Singulares de sua área de abrangência. Neste seminário as cooperativas deverão apresentar os avanços obtidos na safra passada referente à lógica da diversificação de itens financiados e substituição da matriz produtiva convencional, e apresentar as propostas de valores, culturas alternativas e projetos conjuntos com outras entidades para o Plano Safra 2008/2009. Partindo destes planos municipais apresentados, a Base Regional deverá elaborar um plano regional. Será um

momento de construir e validar experiências/estratégias regionais e ao mesmo tempo avaliar as demandas de crédito apresentadas pelas cooperativas singulares. As Bases Regionais poderão convidar os parceiros estratégicos regionais.

3 - Central Cresol Baser: A partir do plano consolidado por bases regionais e visando juntar as diferentes propostas e sua socialização, será realizado o Seminário da Central Cresol Baser onde cada Base Regional irá apresentar as grandes propostas de ação frente ao crédito e ainda justificar as demandas de crédito, a fim de construir a proposta de Plano Safra 2008/2009. Pretende-se, ao final, chegar à construção da demanda por crédito das cooperativas, mas ao mesmo tempo fortalecer as parcerias locais e construir estratégias sustentáveis de uso do crédito.

INTERAGINDO...

Roteiro de discussão

- 1 - Relato dos trabalhos de cada entidade na safra 2007/2008. As entidades devem relatar os principais trabalhos desenvolvidos no último ano e fazer também uma análise das atividades/experiências que deram certas nos seus trabalhos;
- 2 - Discutir sobre a aproximação dos trabalhos das diversas entidades da agricultura familiar locais. Se não há articulação, tentar identificar os motivos da não existência e se possuir alguma articulação, verificar como ela se apresenta (pontos positivos e negativos);
- 3 - Quais os avanços e os estrangulamentos observados na última safra com relação ao crédito (relatar a visão de cada participante sobre em que o crédito avançou e em que ele não avançou, por exemplo, no volume de recursos, nos beneficiários potenciais e nas linhas alternativas e diferenciadas);
- 4 - Quais foram os problemas enfrentados com as contratações dos créditos, principalmente os créditos alternativos;
- 5 - Como foram os avanços dos trabalhos no campo da organização (sindical, cooperativa, associativa e outras);
- 6 - Em quais atividades econômicas foram investidos os recursos do PRONAF e microcrédito nos últimos anos?

7 - Eles estão numa lógica da diversificação dos sistemas produtivos e de sustentabilidade?

3 – Desenvolvimento de novas cadeias produtivas - Produção

3.1 – Caracterização

Na atualidade, as análises feitas pela Cresol, dentro do cenário vivido pela agricultura familiar, no Sul do país, apontam que a disponibilidade de crédito, de certo modo, já não é mais o maior estrangulamento vivido, tendo em visto o avanço de políticas como o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar - PRONAF. Hoje, a necessidade das cooperativas de crédito é a qualificação do uso do crédito rural dentro de propostas verdadeiramente sustentáveis, direcionadas para uma lógica diferenciada da “agricultura convencional” de altos custos e baixo valor agregado, na qual o crédito rural foi concebido e está ancorado enquanto política pública. Em síntese, a percepção que se tem é de que o crédito é uma das ferramentas do desenvolvimento da agricultura familiar, mas ele por si não é promotor de um verdadeiro desenvolvimento.

Assim, ciente de sua importância como ator social no desenvolvimento rural no sul do Brasil, a Cresol tem clareza de que o crédito rural cumprirá sua função de alavancar o desenvolvimento dos municípios, das comunidades rurais e dos agricultores se ele for articulado a outras ações nas áreas da produção, da organização, da formação e do conhecimento. Por isso, incentivar o surgimento de novos atores sociais no meio rural, sobretudo, de cooperativas de produção, assistência técnica, comercialização e serviços, bem como, investir em organização e conhecimento nas diversas cadeias produtivas, passa a ser estratégico e de fundamental importância para a sobrevivência, não só do Sistema Cresol nas da agricultura familiar como um todo.

Embora tenha atuação, prioritariamente, na área de microfinanças, a Cresol incentiva alternativas organizacionais e produtivas que permitam a geração de renda aos agricultores, bem como uma maior autonomia. Entretanto, a maior parte dos recursos de sua carteira de crédito é destinada para custeio e investimentos das grandes *commodities*, principalmente, milho e

soja. Essas atividades econômicas agregam baixo valor à produção da agricultura familiar, porque estão vinculadas, e dependentes, ao modelo de produção agroquímico, de alto custo, baixa rentabilidade econômica por área e alto risco, sendo viável somente em grande escala produtiva, e que traz consigo graves problemas de degradação ambiental pelo uso indiscriminado de agrotóxicos e fertilizantes altamente solúveis, devastação florestal, erosão e contaminação das águas, bem como foi responsável por um grande processo de êxodo rural no passado.

Reorientar o crédito rural para investimentos com maior sustentabilidade, é sem dúvida o principal desafio do sistema Cresol e, isso passa, necessariamente, pela busca e fortalecimento de cadeias produtivas alternativas ou diferenciadas e por novos atores organizacionais da área econômica.

Entretanto, estas cadeias produtivas com potencial para agricultura familiar e que poderiam compor essa nova matriz produtiva, ainda, necessitam de estudos de viabilidade técnica e econômica para: a) visualizar a cadeia de forma integral; b) identificar as debilidades e potencialidades; c) motivar o estabelecimento de cooperação técnica nas diferentes etapas das cadeias produtivas; d) identificar gargalos e elementos faltantes; e) entender os fatores condicionantes de competitividade em cada segmento e f) ter clareza de um plano de ação em curto e médio prazo.

3.2 – Metodologia

O fortalecimento de novas cadeias produtivas compreende investimentos em longo prazo e ajustados às condições regionais e/ou micros regionais.

A proposta metodológica para a área das cadeias produtivas está composta por quatro etapas:

1. Identificação do potencial de desenvolvimento de determinada cadeia produtiva em uma determinada região, a partir das condições sócio econômicas locais, dos recursos aplicados em investimentos;

2. Implementação de ação organizativa de base em parceria com os atores locais visando estimular o processo de organização e de incentivo a produção. Criar as condições políticas para a sustentação do projeto;
3. Incentivo ao processo de organização de cooperativas, com o propósito de desenvolver ações de cooperação e tendo em vista o domínio progressivo da cadeia produtiva;
4. Apoio a acompanhamento ao processo de gestão econômica, organizativa e estrutural.